

# Cristianismo Vitorioso



## Reinando com Cristo!

David Roper

**A**tingimos a seção mais controversa do capítulo mais controverso do livro mais controverso da Bíblia: os versículos 4 a 6 do capítulo 20 de Apocalipse. Em 20:1–3, fomos informados de que Satanás foi preso por mil anos. Agora, lemos o seguinte:

Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na frente e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos (vv. 4–6).

Por um momento, esqueçamos a especulação sobre a qual temos ouvido ou lido em relação aos versículos 1 a 6—e nos concentremos no contraste traçado pelo Espírito Santo: *Satanás foi preso* por mil anos, enquanto os *mártires reinaram* por mil anos. Na lição anterior, observamos que os mil anos são um símbolo de total completitude<sup>1</sup>: Satanás foi preso completamente, enquanto os mártires reinaram completamente. Em outras palavras, houve uma *derrota total* de um lado, e uma *vitória total* do outro!

<sup>1</sup>Veja os comentários sobre o simbolismo de “mil anos” na lição “A Prisão de Satanás” da edição “Apocalipse—Parte 9”, anterior desta série.

Os cristãos do primeiro século precisavam dessa perspectiva. De um ponto de vista terreno, parecia que Satanás estava vencendo e que o cristianismo estava condenado. Apocalipse 20:1–6 anunciou em alto e bom som aos cristãos fiéis: “Isto é só uma ilusão! Aqui está a realidade: *vocês* estão vencendo! Não se preocupem em perder a vida, porque aqueles que foram martirizados por causa da fé não estão, na verdade, mortos. Eles estão *vivos*, e estão *reinando* com Jesus!”

Apocalipse 20:4–6 tem gerado tantas teorias estranhas e complicadas que não temos escolha senão examinar algumas delas. Oramos, porém, para não perdermos de vista o conceito simples destes versículos: se permanecermos fiéis, *Satanás perderá e nós venceremos!*

### PONTOS DE VISTA CONFUSOS SOBRE OS MIL ANOS

É provável que você já tenha ouvido o termo “milênio”. “Milênio” vem do latim *mille*, que significa “mil”. “Milênio” é apenas outra maneira de se dizer “mil anos”<sup>2</sup>. Apocalipse 20 é um dos lugares da Bíblia que fala de “mil anos”<sup>3</sup> e o único lugar que se refere a um *reino* de mil anos.

<sup>2</sup>Talvez você se depare com um termo relacionado: “quiliamismo”, que vem da palavra grega para “mil” (*quilos*) e refere-se a uma teoria específica sobre os “mil anos” de Apocalipse 20.

<sup>3</sup>Vários trechos bíblicos usam o termo “mil anos” referindo-se a um longo e indefinido período (Salmos 90:4; Eclesiastes 6:6; 2 Pedro 3:8). Em nenhuma dessas referências “mil anos” é usado como um período literal de mil anos no calendário.

## Apocalipse 20:4–6

Dentre todos os números simbólicos de Apocalipse, por que os homens decidiram interpretar “mil” literalmente, não sabemos. Por que desenvolveram, a seguir, um sistema complexo de teologia em torno dessa visão literal dos “mil anos”, não sabemos explicar. Todavia, foi o que aconteceu—e agora temos de lidar com isto.

Os escritores da corrente milenista geralmente classificam todos os demais em uma das três categorias seguintes:

### **Pós-milenismo**

O pós-milenismo era uma perspectiva popular anos atrás. Agora, está mais ou menos em extinção, mas ainda encontramos referências a ele em reimpressões de comentários bíblicos antigos.

A palavra “pós” significa “depois”. “Pós-milenismo” significa “depois dos mil anos”. O ponto de referência é a segunda vinda: os pós-milenistas acreditavam que Cristo viria *após* os “mil anos” se acabarem. A maioria deles não entendia “o milênio” literalmente como mil anos, mas sim como “uma era de ouro” em que o evangelho triunfaria no mundo e a paz e a prosperidade se espalhariam pela face do globo. Duas guerras mundiais e outros problemas do século XX puseram fim a esse otimismo ingênuo.

### **Pré-milenismo**

“Pré” significa “antes”, portanto “pré-milenismo” significa literalmente “antes dos mil anos”. Normalmente o ponto de referência é a segunda vinda de Cristo: os pré-milenistas acreditam que Cristo virá *antes* dos “mil anos”—e interpretam os mil anos literalmente como mil anos de trezentos e sessenta e cinco dias cada. Ensinam que Cristo voltará à terra para reinar literalmente num trono por mil anos na cidade de Jerusalém, no país de Israel<sup>4</sup>.

### **Amilenismo**

O prefixo “a” significa “não”. Sendo assim, “amilenismo” significa “não mil anos”. Trata-se de uma designação incorreta, visto que a maioria dos chamados “amilenistas” acredita nos “mil anos” de Apocalipse, mas nos “mil anos” no sentido figurado, tal qual outros números citados no livro. Contudo, esse é o termo teológico tipicamente usado para aqueles que entendem que os “mil anos” possuem um significado simbólico. Os teólogos nos classificariam como “amilenistas”, embora não seja um termo que nós mesmos usaríamos.

---

<sup>4</sup>Veja mais detalhes sobre as crenças de muitos pré-milenistas na lição “Meio Começado, Meio Terminado”, na primeira edição desta série.

Dentre as três “perspectivas milenistas”, a que tem lançado uma série de noções exageradas e bizarras é o pré-milenismo. À medida que nos esforçamos para obter uma perspectiva racional e sensata do Livro de Apocalipse, é com o pré-milenismo que continuamente nos confrontamos; por isso, temos de examinar o pré-milenismo mais profundamente.

### **O ENGANOSO ERRO DOS MIL ANOS**

Há anos, vários indivíduos têm defendido a idéia de que os “mil anos” de Apocalipse 20 deveriam ser entendidos (mais ou menos) literalmente e que o termo de alguma forma está relacionado com a segunda vinda de Jesus<sup>5</sup>. Todavia, o pré-milenismo dispensacionalista<sup>6</sup> na forma como existe hoje é relativamente novo. Foi iniciado por John Nelson Darby dos Irmãos Plymouth, propagado pela Bíblia Scofield e popularizado pelos escritos de Hal Lindsey na década de setenta<sup>7</sup>.

Algumas falhas desta perspectiva de Apocalipse já foram discutidas, incluindo sua falta de consolo para os cristãos perseguidos do primeiro século e não-ênfase à igreja do nosso Senhor comprada com Seu sangue<sup>8</sup>. Nesta lição, nos concentraremos em alguns pontos fracos dessa perspectiva em relação a

---

<sup>5</sup>Os pré-milenistas são peritos em alistar homens que aceitam essa idéia (especialmente alguns dos chamados “Pais da Igreja”), como se todos eles defendessem o que o pré-milenismo moderno ensina. É verdade que alguns escritores do primeiro século foram aparentemente influenciados pelos errôneos conceitos judaicos predominantes sobre um reinado messiânico materialista. Todavia, *não é* verdade que eles ensinaram as perspectivas radicais do pré-milenismo dispensacionalista moderno. Os seguintes comentários bíblicos apresentam uma breve análise deste assunto: William Barclay, *The Revelation of John* (“O Apocalipse de João”), vol. 2, ed. rev. The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1976, pp. 190-91; R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. John's Revelation* (“A Interpretação do Apocalipse de São João”). Minneapolis, Minn.: Augsburg Publishing House, p. 570.

<sup>6</sup>O termo “dispensacionalista” refere-se à teoria de que o período entre a morte de Cristo e Sua segunda vinda divide-se em “dispensações”—períodos diferentes em que Deus se relaciona com a humanidade de variadas maneiras. Por exemplo, J. N. Darby ensinou que Atos 2 a 7 foi a “era judaica” do Cristianismo (uma era de legalismo), enquanto Atos 8 em diante seria “a era dos gentios” (uma era de graça). A maioria dos pré-milenistas dispensacionistas diz que atualmente estamos na “era da igreja”, enquanto o reino de mil anos será “a era do reino”. Teorias como essas violam o conceito básico de que “Deus não faz acepção de pessoas” (Atos 10:34). Durante esses “últimos dias” (Atos 2:17; Hebreus 1:2), Deus não tem um acordo para alguns e outro acordo diferente para outros.

<sup>7</sup>Veja os comentários nas páginas 2 a 4 na lição “Bem começado, meio terminado” da primeira edição desta série.

<sup>8</sup>Ibid.

passagem bíblica que os pré-milenistas consideram a peça central de sua teologia: Apocalipse 20.

1) As doutrinas-chaves do pré-milenismo são elaboradas em cima do fundamento incerto da linguagem apocalíptica de Apocalipse 20. Particularmente, isto se aplica à idéia de um reinado de mil anos sobre a terra no sentido literal. G. B. Caird escreveu:

Quando viramos para o Novo Testamento, não encontramos traços do conceito de milênio em nenhum outro escritor além de João. Paulo, de fato, fala do reino de Cristo continuando até que seus inimigos estejam sujeitos a Ele, mas esse é o reino que começa com Sua exaltação à destra de Deus (1 Coríntios 15:24-28; cf. Mateus 13:41);...<sup>9</sup>

Outras doutrinas também se baseiam na linguagem ambígua de Apocalipse 20, tais como a idéia de múltiplas ressurreições corpóreas.

Ray Summers disse o seguinte acerca dessa perspectiva literalista do capítulo:

Se os versículos 4, 5 e 6 de Apocalipse 20 fossem omitidos, ninguém jamais sonharia com Cristo reinando mil anos sobre a terra literalmente—o estabelecimento do Seu trono em Jerusalém e a inauguração do reinado milenar como uma monarquia terrena. Apesar disso, todos os sistemas de escatologia, teologia e filosofia da história têm sido elaborados nessa base precária de versículos altamente simbólicos.<sup>10</sup>

2) A maioria das doutrinas do pré-milenismo não se encontram em Apocalipse 20; são inclusões não explícitas. Mesmo se o capítulo tivesse a intenção de falar de um reinado de mil anos, a totalidade dos detalhes pertinentes a esse reinado (como defendem os pré-milenistas) está visivelmente ausente.

Exemplificando, não há menção de Cristo reinando *sobre a terra*. Leiamos a passagem atentamente e constataremos isto. William Hendriksen fez a seguinte pergunta com referência ao reinado de mil anos de Apocalipse 20: “Quando ele acontece?” e respondeu a seguir:

a) Onde os tronos estão, pois lemos: “Vi também tronos, e nestes sentaram-se”. Agora, segundo todo o livro de Apocalipse, o Trono de Cristo e do seu povo sempre foi no céu:...<sup>11</sup>

b) Onde as almas desencarnadas dos mártires estão, pois lemos: “Vi ainda as *almas* dos

decapitados por causa do testemunho de Jesus”. João vê *almas*, e não corpos. Ele está pensando em almas sem corpos, pois lemos: “dos decapitados”.... A distinção entre alma e corpo é enfatizada na justaposição das palavras “as almas” e “os decapitados”...

c) Onde Jesus vive, pois lemos: “e viveram e reinaram *com Cristo*...” A pergunta, conseqüentemente, é: onde, segundo Apocalipse, é o lugar de onde o Mediador exaltado governa o universo? Onde Jesus vive? Obviamente, *no céu*! É no *céu* que o Cordeiro é representado tomando o pergaminho da mão do que está sentado no trono (Apocalipse 5). Apocalipse 12 afirma claramente que Cristo foi “arrebataado para Deus até ao seu trono...”<sup>12</sup>

A lista das doutrinas pré-milenistas que não estão em Apocalipse 20 é quase infinita: não há menção da segunda vinda, do chamado “arrebataamento”, do trono de Davi, da cidade de Jerusalém, ou de judeus autênticos.

É muito interessante que Apocalipse 20 não indique a duração do reinado de *Cristo*. Mesmo se os mil anos forem interpretados literalmente, a passagem só afirma que os mártires “reinaram *com Ele* mil anos”; ela não indica por quanto tempo Cristo reinou. (Uma série de reis do Antigo Testamento reinaram *com* seus pais por determinados períodos, mas essas afirmações não nos dizem por quanto tempo seus pais reinaram.)<sup>13</sup>

James E. Fird disse: “A única maneira de se encontrar essas idéias neste texto é importando-as—e esta não é uma opção para quem está tentando entender o que o texto originalmente queria dizer”<sup>14</sup>.

3) As doutrinas pré-milenistas baseadas na linguagem figurada de Apocalipse 20 contradizem outras passagens bíblicas claras:<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup>William Hendriksen, *Mais que Vencedores*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, s.d., s.p. (grifo dele).

<sup>13</sup>Quando se levanta uma cronologia dos reis de Judá e Israel, vê-se que os reinos de muitos reis se sobrepunham. Por exemplo, Acáz reinou com seu pai Jotão cerca de doze anos, e Manassés provavelmente reinou com Ezequias oito ou nove anos. Tais afirmações dizem quanto tempo esses homens foram co-regentes, mas não dizem por quanto tempo os pais governaram. Uma exposição mais detalhada sobre isto foi publicada por Jim McGuiggan, *The Book of Revelation* (“O Livro de Apocalipse”). Looking Into the Bible Series. Lubbock, Tex.: International Biblical Resources, 1976, p. 303.

<sup>14</sup>James M. E. Fird, *Revelation for Today* (“Apocalipse para Hoje”). Nashville: Abingdon Press, 1989, p. 118.

<sup>15</sup>Frank Pack mostrou que o dispensacionalismo envolve “uma reconstrução extensa do plano de redenção e do propósito original de Deus” (*Revelation, Part 2* [“Apocalipse, Parte 2”]. The Living Word Series. Austin, Tex.: R. B. Sweet Co., 1965, p. 48). Nesta seção, porém, estamos preocupados apenas com contradições relativas a Apocalipse 20.

---

<sup>9</sup>G. B. Caird, *A Commentary on the Revelation of St. John the Divine* (“Comentário sobre o Apocalipse de São João, o Divino”). Londres: Adam & Charles Black, 1966, p. 251.

<sup>10</sup>Ray Summers, *A Mensagem de Apocalipse: Digno É o Cordeiro*. Rio de Janeiro: Juerp, 1978, s.p.

<sup>11</sup>A palavra “trono” ocorre quarenta e sete vezes em Apocalipse; excluindo-se as referências aos tronos de Satanás e da besta, o trono ou os tronos estão sempre no céu.

Os pré-milenistas alegam que Apocalipse 20 ensina que o reinado de Cristo só começará em algum momento no futuro, mas outras passagens ensinam claramente que o reinado de Cristo começou quando Ele subiu ao Pai. Muitas passagens bíblicas falam de Cristo sentado no trono de Davi. Uma delas é o sermão de Pedro em Atos 2. O apóstolo disse, referindo-se ao rei Davi:

Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono, prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção. A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés. Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo (Atos 2:30–36).

Observemos que a ressurreição de Jesus e Sua ascensão ao céu cumpriram a promessa de que “um dos seus [de Davi] descendentes se assentaria no seu [de Davi] trono”. Jesus foi “exaltado à destra de Deus” e está reinando com Ele no céu até que Seus inimigos sejam postos por estrado dos Seus pés.

Paulo enfocou este aspecto do reinado de Cristo em 1 Coríntios 15:

Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda. E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. Porque todas as coisas sujeitou debaixo dos pés. E, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, certamente, exclui aquele que tudo lhe subordinou. Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos (1 Coríntios 15:22–28).

Deus já “sujeitou todas as coisas” a Cristo; Cristo está reinando no céu na presente era. A palavra grega traduzida por “reine” no versículo 25 está no presente do infinitivo<sup>16</sup>. O tempo presente indica ação contínua. O versículo 25 poderia ser traduzido por:

<sup>16</sup>Em português o presente do subjuntivo aqui está regendo uma oração subjetiva—que funciona como sujeito.

“Ele precisa continuar a reinar até que tenha colocado todos os Seus inimigos sob Seus pés”. O versículo 26 afirma que o último inimigo a ser derrotado será a morte.

Até o Livro de Apocalipse deixa claro que Cristo está reinando no momento presente. Ele *já* é Rei dos reis e Senhor dos senhores (17:14; 19:16)!<sup>17</sup>

Completamente ligado ao assunto do reinado de Cristo está o assunto do Seu reino. Via de regra, os pré-milenistas ensinam que Jesus só governará sobre o Seu *reino* numa data futura. Todavia, há passagens explícitas na Bíblia ensinando que Cristo está reinando atualmente sobre o Seu reino<sup>18</sup>—que o reino teve seu início no primeiro Pentecostes após a Sua morte, sepultamento, ressurreição e ascensão.

João Batista e Jesus pregaram que o reino estava “próximo” (Mateus 3:2; 4:17). Durante Seu ministério terreno, Jesus disse aos discípulos que, *em vida*, alguns “vejam ter chegado com poder o reino de Deus” (Marcos 9:1). Pouco antes da ascensão, Cristo lhes disse que eles receberiam poder quando o Espírito Santo viesse (Atos 1:6–8). O Espírito Santo veio no Dia de Pentecostes (Atos 2:1–4), e assim o reino veio “com poder”<sup>19</sup>. Pedro pôde então proclamar que Jesus iniciara Seu reinando à destra de Deus.

Paulo disse aos Colossenses que Deus “nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor” (Colossenses 1:13). O escritor aos hebreus disse aos seus leitores: “Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça” (Hebreus 12:28a)<sup>20</sup>. Novamente, o Livro de Apocalipse contém o ensino de que o reino

<sup>17</sup>Poderíamos citar outras passagens que também ensinam que Jesus, após sofrer, foi sentar-se no trono com o Pai. Veja, por exemplo, Hebreus 12:2.

<sup>18</sup>Alguns pré-milenistas estão cientes do ensino bíblico sobre o reino presente de Jesus e o fato de o reino existir na presente era. Por isso, dizem que “*num sentido*, Jesus está reinando agora”. Às vezes, fazem uma distinção entre o “reino” (inicial minúscula) presente e o “Reino” (inicial maiúscula) milenar. Tais distinções são invenções humanas sem apoio das Escrituras.

<sup>19</sup>Muitos escritores referem-se às palavras da oração modelo, “Venha a nós o vosso reino” (Mateus 6:10), como se ainda tivéssemos de pronunciá-las na oração—mas esse sentimento foi expresso *antes* do reino ser estabelecido em Atos 2. Jesus havia pregado que o reino estava “próximo”, e Ele sugeriu que seus discípulos orassem pelo cumprimento dessa promessa. A promessa *foi* cumprida no Pentecostes, quando três mil pessoas foram batizadas após Pedro pregar o primeiro sermão evangélico.

<sup>20</sup>A palavra grega traduzida por “recebendo” está no particípio presente, que indica ação simultânea com a ação do verbo principal (neste caso, “retenhamos”). Devemos demonstrar gratidão por termos recebido um reino.

já existe: no primeiro capítulo, João escreveu que Jesus “nos constituiu reino” (v. 6). No mesmo capítulo, João disse que ele era “companheiro” com os leitores “na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus” (v. 9; grifo meu). A tribulação e a perseverança não seriam dali a mil anos; nem o reino<sup>21</sup>.

Outra doutrina pré-milenista baseada em Apocalipse 20 é a de múltiplas ressurreições corpóreas: a idéia de que haverá uma ressurreição corpórea dos bons no início dos “mil anos” e uma ressurreição dos ímpios no fim dos “mil anos”<sup>22</sup>. Analisaremos a expressão “a primeira ressurreição” (vv. 5, 6) mais adiante nesta lição; mas por ora, observemos que há passagens bíblicas que ensinam claramente que haverá uma única ressurreição de corpos: Jesus disse que “vem a hora em que *todos* os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo” (João 5:28, 29; grifo meu). Paulo disse que “haverá [uma] ressurreição, tanto de justos como de injustos” (Atos 24:15b).

Estas afirmações proferidas por Jesus e Paulo ensinam que haverá uma ressurreição corpórea geral tanto dos bons como dos maus<sup>23</sup>. Elas não nos autorizam a deduzir que haverá uma ressurreição corpórea dos injustos mil anos após a ressurreição dos justos. Temos de “levar a sério o realismo da parábola de Jesus do joio no meio do trigo (Mateus 13:24–30, 36–43), a saber, que bons e maus crescem

---

<sup>21</sup>Quando falamos do reino existente, estamos nos referindo à igreja. Os termos “reino” e “igreja” são usados alternadamente em Mateus 16:18, 19 e em outras passagens. A palavra “reino” refere-se simplesmente ao reino sobre o qual o Senhor reina. A manifestação terrena especial deste reino é a igreja; sua manifestação celestial é o próprio céu. Num sentido, receberemos o reino no futuro—quando finalmente formos para o céu—mas o Novo Testamento é claro quanto a Cristo estar reinando *atualmente* sobre o Seu reino/igreja.

<sup>22</sup>Muitos pré-milenistas ensinam que haveria *mais* de duas ressurreições de corpos: 1) no momento do “arrebatamento”, uma ressurreição de crentes; 2) no fim do período de sete anos de “tribulação/arrebatamento”, uma ressurreição dos que se tornaram crentes e morreram nesse período (uma espécie de “respeçagem”); 3) no fim do reino milenar, a ressurreição dos que foram convertidos e morreram durante o milênio; 4) após Satanás ser lançado no lago de fogo, a ressurreição dos ímpios. Alguns ainda aumentam essa lista. Um grupo reduzido ensina que haverá nada menos que *sete* ressurreições.

<sup>23</sup>Muitas outras passagens ensinam uma única ressurreição geral. Veja, por exemplo, Daniel 12:2. Pense também em passagens sobre “a ressurreição dos mortos” (grifo meu): Mateus 22:31; Atos 24:21; Hebreus 6:2. A hipótese de ressurreições múltiplas implica a possibilidade de múltiplos julgamentos. Veja mais sobre isto na lição “Cinco Fatos que Você Precisa Saber sobre o Julgamento”, nesta edição.

lado a lado até a colheita, que será no fim do mundo”<sup>24</sup>.

Diante de *teorias*, baseadas em linguagem figurada, que contradizem o *ensino* claro de passagens bíblicas, o que devemos aceitar como verdade? Daniel Russell analisou esta questão:

O que você vai aceitar como autoridade: as afirmações sóbrias dos Evangelhos e das Epístolas ou a linguagem altamente simbólica de Apocalipse? Suponhamos que você tenha um historiador confiável delineando os fatores que provocaram a Segunda Guerra Mundial e um poeta escrevendo uma história da guerra. Qual deles você escolheria como seu padrão de autoridade? Você tentaria manipular o relato do historiador para que ele concordasse com o do poeta? Não, a menos que você tenha perdido toda a capacidade de julgar. Se, de qualquer maneira, você decidisse manipular os relatos, seria fazendo o inverso.<sup>25</sup>

Em outras palavras, em vez de distorcer passagens bíblicas claras para que estas se conformem com interpretações humanas de passagens figuradas, as passagens figuradas é que devem ser interpretadas de maneira a se conformarem com o ensino de passagens claras.

Assim como os judeus da época de Jesus<sup>26</sup>, alguns pré-milenistas consideram as bênçãos espirituais menos que satisfatórias: a espera de um céu glorioso não basta; eles querem a esperança de uma terra revitalizada. A cruz de Jesus não é aparentemente tão emocionante para eles quanto a coroa de Jesus; a paz na terra tem precedência sobre a paz interior; e a promessa da remissão de pecados empalidece ao lado da expectativa da erradicação da doença. Burton Coffman escreveu:

...nossas condolências pelos que estão presos ao sonho de uma Utopia na terra, onde tudo será paz e luz por uma Era Dourada incredivelmente bela; mas, se as pessoas que estão assim iludidas parassem para ver, constatariam que não há nenhuma promessa de tal coisa no NT. Temos de passar por “muitas tribulações” para entrar no reino de Deus (Atos 14:22); temos de “com ele sofrer” (Romanos 8:17); todos os piedosos “serão perseguidos” (2 Timóteo 3:12); todos

---

<sup>24</sup>Bruce M. Metzger, *Breaking the Code: Understanding the Book of Revelation* (“Decifrando o Código: Entendendo o Livro de Apocalipse”). Nashville: Abingdon Press, 1993, p. 95.

<sup>25</sup>Adaptado de Daniel Russell, *Preaching the Apocalypse* (“Pregando o Apocalipse”). Nova York: The Abingdon Press, 1935, p. 227.

<sup>26</sup>Os judeus estavam esperando um rei físico que se sentaria num trono físico e empreenderia uma guerra física em favor deles. Visto que Jesus era “somente” um rei espiritual, eles O rejeitaram e O crucificaram.

que seguem Cristo precisam “tomar a sua cruz” diariamente (Lucas 9:23).<sup>27</sup>

O Novo Testamento não nos promete um mundo sem problemas. Em vez disso, ele ensina que Deus “nos tem abençoado com toda sorte de bênção *espiritual* nas regiões *celestiais* em Cristo” (Efésios 1:3; grifo meu). O que susteve os cristãos perseguidos não foi alguma teoria sobre Cristo voltando à terra, mas a esperança de partir para “estar com Cristo”. Isto, disse Paulo, “é incomparavelmente melhor” (Filipenses 1:23). Amém! As promessas espirituais de Deus são *infinitamente superiores* aos benefícios materialistas imaginados pelos seres humanos!

### A VERDADE SOBRE OS EMPOLGANTES MIL ANOS! (20:4–6)

Já chega de teorias humanas. Examinemos agora os versículos 4 a 6 para ver o que eles realmente dizem. Em geral concorda-se que o pano de fundo do Antigo Testamento para esta seção é Daniel 7 (especialmente vv. 9, 22 e 27). Como sempre, João (por inspiração) teve uma perspectiva singular.

Começaremos nossa análise com a metade do versículo 4, onde João disse: “Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus<sup>28</sup>, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na frente e na mão<sup>29</sup>;...”.

Como já enfatizamos, João não viu corpos, mas espíritos desencarnados<sup>30</sup>. Isto nos faz recordar o capítulo 6, onde o apóstolo “viu debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos” (6:9). Como aqueles, estes salvos foram martirizados por causa

da fé<sup>31</sup>. É provável que sejam descritos como “decapitados” porque a decapitação por um machado ou espada era o método de execução preferido dos romanos quando Apocalipse foi escrito. Com certeza, porém, estavam incluídos nesse total os que foram crucificados, despedaçados por animais selvagens nas arenas ou mortos de alguma outra maneira por não adorarem César.

Há dúvidas sobre 20:4 mencionar um ou dois grupos. Alguns acreditam que João viu só um grupo—mártires—e que a seção iniciada por “aqueles que não adoraram a besta” está simplesmente descrevendo esse mesmo grupo. Outros argumentam que as palavras do texto original<sup>32</sup> indicam dois grupos. Apesar de ser uma questão irrelevante, sou favorável ao ponto de vista de que João teria visto dois grupos de almas desencarnadas: os mártires mais o restante que não sucumbiu às pressões do governo romano. Apocalipse não exalta os mártires acima dos que foram perseguidos de outras maneiras, mas que permaneceram fiéis<sup>33</sup>.

William Barclay escreveu: “Na Igreja antiga nos dias da perseguição dois termos eram usados. *Mártires* eram os que realmente morreram pela fé; *confessos* eram os que sofreram tudo menos a morte pela lealdade a Cristo”<sup>34</sup>. Henry B. Swete identificou os confessos como “os que, embora não tivessem realmente sido martirizados, suportaram voluntariamente sofrimento, censura, prisão, perda de bens, invasão em suas casas e rupturas em seus relacionamentos pessoais por causa de Cristo”<sup>35</sup>. O impacto do texto é que, quer seja por um machado, quer seja por um ataque cardíaco, cada um deles morreu *fiel* ao Senhor.

Como veremos, pode-se fazer a aplicação desta passagem a todo cristão, mas a ênfase está naqueles

---

<sup>27</sup>Burton Coffman, *Commentary on Revelation* (“Comentário sobre Apocalipse”). Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1979, p. 469.

<sup>28</sup>Há algumas razões propostas para o exílio de João (1:9) e o martírio das almas debaixo do altar (6:9). Veja os comentários sobre 1:9 na edição “Apocalipse—Parte 2”, desta série.

<sup>29</sup>O alvo da segunda besta (o falso profeta) foi persuadir os homens a adorarem a primeira besta e sua imagem e a receberem sua marca na frente e na mão (13:15–17). Os que foram assim influenciados pelo falso profeta acabaram sem “descanso” (14:11), enquanto os que resistiram acabaram reinando com Jesus (20:4). Veja o significado dos termos usados nos comentários sobre 13:16–18, na edição “Apocalipse—Parte 7”, desta série.

<sup>30</sup>Hendriksen escreveu: “Na verdade, o termo ‘almas’ às vezes significa ‘pessoas’, como é o caso, por exemplo, de Gênesis 46:27. Mas, aqui em Apocalipse 20 não se pode fazer o mesmo!” (p. 230).

---

<sup>31</sup>É provável que devemos ver os dois grupos dos capítulos 6 e 20 como o mesmo grupo, e o capítulo 20 como parte da resposta à pergunta: “Até quando?”

<sup>32</sup>No texto original, a segunda seção começa com “e tais” (ou “e os que”). Estudiosos também apontam para outras nuances do texto grego consideradas por eles como prova de que eram *dois* grupos.

<sup>33</sup>Uma ilustração é que Tiago morreu como mártir (Atos 12:1, 2), enquanto seu irmão João “só” foi exilado em Patmos (Apocalipse 1:9). Apesar disso, ambos foram batizados com o batismo (do sofrimento) de Jesus (Marcos 10:38, 39). No que diz respeito ao Senhor, nenhum desses sacrifícios foi maior do que o outro.

<sup>34</sup>Barclay, p. 192.

<sup>35</sup>Ibid. Barclay resumiu essa idéia de Henry B. Swete, *The Apocalypse of St. John*. Cambridge: MacMillan Co., 1908; reimpressão. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s.d., p. 262.

que sofreram por causa da fé, especialmente os que foram martirizados.

### Uma Confirmação sobre o Reino

Uma pergunta latente para os cristãos do primeiro século era: “O que aconteceu aos que foram fiéis até a morte?” Foram mortos e esquecidos, ou aquele foi um sacrifício que valeu a pena? Aqui está a resposta de João: “Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus... e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos” (v. 4).

Nenhuma promessa nesse versículo (nem nos versículos consecutivos) é aplicada a outros indivíduos senão aos cristãos fiéis. Por exemplo, em Apocalipse 3, Jesus deu esta promessa a *cada* vencedor: “Dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono” (v. 21). Novamente, Apocalipse 5:10 usou basicamente a mesma terminologia de 20:4 e 6: “e para o nosso Deus os constituíste [todos os salvos pelo sangue de Cristo] reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra” (veja também 1:6).

Quando estudamos 5:10, reforçamos que os cristãos reinam de várias maneiras: 1) os cristãos são o reino de Cristo (Apocalipse 1:6), o qual é a igreja (Mateus 16:18, 19). 2) Sendo Deus o Pai deles (1 Coríntios 1:3), eles fazem parte da Família Real. 3) Estando Cristo reinando atualmente (Atos 2:33–36; 1 Coríntios 15:25), e estando os cristãos em “Cristo” (2 Coríntios 5:17), eles participam do Seu reino. 4) Tendo sido salvos, a morte não tem domínio sobre os cristãos; mas foram fortalecidos para reinar “em vida por meio de... Jesus” (Romanos 5:17; veja também os versículos 14 e 21). Enfatizamos que, da perspectiva dos cristãos da época de João, a idéia de reinar sobre a terra significava primeiramente *vitória*. Apoiados pela força de Cristo, os cristãos permaneceram no controle de suas vidas e destinos, reinando sobre cada obstáculo que a vida colocava em seus caminhos<sup>36</sup>.

Tudo isto suscita uma pergunta natural: se a promessa de reinar com Jesus foi dada aos cristãos em geral, qual foi o propósito de repetir a promessa em relação aos que haviam sido martirizados? A resposta é que os cristãos do primeiro século precisavam saber que a promessa não era anulada pela morte, mas sim cumprida! Novamente, reforçamos que a imagem de reinar “mil anos” sublinhava a

<sup>36</sup>Veja a lição “Digno É o Cordeiro”, na edição “Apocalipse—Parte 3”, desta série.

*completitude* do reinado dos mártires, a totalidade da vitória deles.

Uma expressão do reinado dos mártires é que lhes “foi dada autoridade de julgar” (v. 4a). Uma expressão semelhante em Daniel 7:22 significava “o veredito foi em favor deles”—em outras palavras, que os santos foram vingados. Esse pode ser o significado aqui, mas o contexto de Apocalipse 20 favorece a idéia de triunfo sobre os inimigos: na terra, os inimigos sentaram-se para julgá-los e os condenaram à morte. Agora, os papéis se inverteram, e *eles* se sentaram para julgar!

A idéia de cristãos sentados para julgar homens maus não era nova. Jesus disse aos discípulos que eles se assentariam “em tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Lucas 22:30)<sup>37</sup>. Paulo escreveu que “os santos hão de julgar o mundo”, acrescentando que eles até iriam “julgar os próprios anjos”<sup>38</sup> (1 Coríntios 6:2, 3)<sup>39</sup>. Estas não são passagens fáceis de se entender, mas a maioria concorda que os versículos não ensinam que os cristãos decidirão pessoalmente o destino final de outros indivíduos; esse é um privilégio de Deus<sup>40</sup>. Por outro lado, há vários sentidos em que, como cristãos, *de fato* “julgamos” o mundo: pregamos a Palavra, o padrão de julgamento do Senhor (João 12:48), a qual expõe o pecado. Também, por nossas vidas, mostramos que é possível pessoas viverem pelos padrões de Deus, evidenciando assim as que não o fazem.

O “julgar” de Apocalipse 20, porém, parece simplesmente intensificar o tema de que os que haviam morrido pelo Senhor estavam reinando: eram vencedores! Satanás fora lançado, e eles foram exaltados!

### Uma Referência à Ressurreição

A idéia de triunfo continua na última parte do versículo 4: “e viveram<sup>41</sup> e reinaram...”

Os pré-milenistas tentam fazer esse “viveram” significar uma ressurreição corpórea que ocorreria após a volta de Cristo. Observemos, porém, que “viveram” está associado a “reinaram”, e que al-

<sup>37</sup>Esta foi uma promessa dada aos apóstolos; talvez relacionada ao fato de que eles “julgariam” através dos seus ensinamentos e escritos.

<sup>38</sup>Esses podem ser os anjos pecadores citados em 2 Pedro 2:4.

<sup>39</sup>Uma ênfase possível desta passagem é que assim como participamos do reinado de Cristo, também vamos participar do Seu julgamento—não que o façamos pessoalmente, mas por meio dEle.

<sup>40</sup>Na cena seguinte do julgamento, há só *um* Juiz (20:11) que determina o destino de todos os homens.

<sup>41</sup>O texto original tem literalmente “viveram”, conforme a tradução utilizada.

mas desencarnadas estavam sentadas (reinando<sup>42</sup>) em tronos celestiais no início da cena. A passagem não ensina que *um dia* os mártires tornariam a viver e reinariam com Cristo. A idéia principal do trecho é que os mortos fiéis *já* estavam vivos e reinando.

Novamente, a promessa de vida é uma promessa para os cristãos em geral (veja João 5:24) e a salvação do pecado é geralmente descrita como uma ressurreição (um reviver). Paulo disse: “Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida” (Romanos 6:4). Ele também disse: “Mas Deus, sendo rico em misericórdia, ... e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo... nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (Efésios 2:4–6). Novamente ele disse: “Se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus” (Colossenses 3:1).

Mais uma vez, a pergunta natural é: “Se todos os cristãos foram ‘ressuscitados’ e têm vida, por que o Espírito Santo enfatiza que os mártires ‘viveram’?” A resposta é basicamente a mesma que a anterior: para enfatizar que a morte de um santo não põe fim à sua “nova vida” em Cristo. Em vez disso, ela “o leva a viver” de um modo que ele jamais conheceu.

No versículo 5 esse “viver” dos mártires e de outros fiéis mortos é chamado de “primeira ressurreição”<sup>43</sup>. Como notamos anteriormente, a expressão “a primeira ressurreição” nada tem a ver com uma ressurreição corpórea dos justos no começo do imaginado reinado de mil anos, mas, no contexto, trata-se da ressurreição espiritual iniciada quando o indivíduo é batizado em Cristo e tem seu clímax

---

<sup>42</sup>Na terminologia bíblica, “sentar” num trono é reinar (Mateus 22:44; 25:31).

<sup>43</sup>A sentença “esta é a primeira ressurreição” é ambígua porque o texto não é claro quanto ao termo referente de “está”. (Poderia não se referir à sentença antecedente.) Penso que pode se referir à expressão no fim do versículo 4: “viveram e reinaram....” Alguns pensam que se refere à ressurreição de Jesus (as “primícias”; 1 Coríntios 15:20), que prefigura nossa própria ressurreição. Convém observar que os adeptos da corrente preterista acreditam que esta expressão tem a ver com o triunfo da causa do cristianismo, especificamente do cristianismo sobre o Império Romano. (Geralmente apontam para o edito de Constantino, que tornou o cristianismo uma religião “legal”.) Traçam um paralelo com a ressurreição das duas testemunhas do capítulo 11 e sugerem que a “ressurreição” das testemunhas indicava que a causa delas não estava morta.

quando ele morre “no Senhor” (Apocalipse 14:13). É o resultado de se partir deste mundo para se “estar com Cristo” (Filipenses 1:23) e “habitar com o Senhor” (2 Coríntios 5:8). É o cumprimento da promessa de Cristo: “Quem... perde a vida por minha causa achá-la-á” (Mateus 10:39). Apocalipse 2:10 chama isto de “a coroa da vida”. Quem é fiel até a morte tem “Vida” com “V” maiúsculo; conhecerá finalmente o que é vida de verdade!

Em contraste com os que morreram no Senhor, “os restantes dos mortos não viveram até que se completassem os mil anos” (v. 5a). O significado da expressão “o restante dos mortos” depende de quem João viu no versículo 4<sup>44</sup>. No contexto, parece se referir aos que *não* guardaram o “testemunho de Jesus e... a palavra de Deus”, aos que “adoraram a besta ou sua imagem” e que aceitaram “a marca [da besta] na fronte e na mão” (v. 4).

A ERA diz “*não viveram* até se completassem os mil anos” (grifo meu). A fraseologia tem levado muitos a interpretar esse “viveram” como uma ressurreição corpórea<sup>45</sup>. Todavia, o texto original diz simplesmente que “o restante dos mortos não viveram até que se completassem os mil anos”<sup>46</sup>. Em outras palavras, eles não desfrutaram das bênçãos espirituais desfrutadas pelos que haviam morrido “em Cristo”. Mais uma vez, o Espírito Santo estava fazendo um contraste: na terra, os cristãos foram mortos enquanto seus perseguidores viviam; após a morte, eram os cristãos que estavam vivos, realmente vivos, enquanto seus inimigos estavam mortos, mortos, mortos<sup>47</sup>.

Os “mil anos” são o tempo em que Satanás está preso e os cristãos mortos estão vivos e reinando—o que está acontecendo agora mesmo<sup>48</sup>. A afirmação sobre os “mil anos” se “completarem” deve, portan-

---

<sup>44</sup>Por exemplo, se João só viu mártires no versículo 4, “os restantes dos mortos” poderia se referir aos cristãos fiéis que já haviam morrido naturalmente. Isto faria do “viver” (juntamente com o “reinar” e o “julgar”) uma bênção especial concedida somente aos que foram martirizados. Como reforçamos na lição, “vida” era uma promessa feita a todos os fiéis. Parece melhor, então, entendermos “os restantes dos mortos” como aqueles que morreram fora do Senhor.

<sup>45</sup>Algumas traduções até acrescentam a palavra “novamente”, o que é ainda mais confuso—mas a palavra “novamente” não se encontra no texto grego.

<sup>46</sup>Veja a nota de rodapé 39 desta lição.

<sup>47</sup>A implicação do versículo 5 é que “os restantes dos mortos” “viveriam” quando os “mil anos” se completassem. Quando Cristo voltar, os maus serão ressuscitados dentre os mortos. Eles comparecerão perante Deus para serem julgados e, a seguir, serão sentenciados à “segunda morte” (20:14). O período de “vida” deles—se é possível assim chamá-lo—será muito breve.

<sup>48</sup>Falaremos mais sobre isto na próxima lição.



to, se referir ao fim desta era—quando Cristo voltará, os mortos serão ressuscitados e cada um será julgado. Essa seqüência dramática será analisada quando estudarmos os versículos 11 a 15 deste capítulo<sup>49</sup>.

### Um Motivo de Alegria

O versículo 6 complementa a cena com a quinta bem-aventurança do livro. Ele começa dizendo: “Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade...”. “A segunda morte” é identificada em 20:14: “Esta é a segunda morte, o lago de fogo” (em outras palavras, o inferno). Quem morreu fiel ao Senhor não tem de temer estar perdido. Que bênção!

João concluiu: “Serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos” (v. 6b). O Novo Testamento ensina que *todos* os cristãos são sacerdotes (1 Pedro 2:5, 9; Apocalipse 1:6; 5:10). Correndo o risco de soar repetitivo, perguntamos: “Por que, então, Apocalipse 20 enfatiza que os mártires e outros mortos fiéis são sacerdotes?” Esta ênfase afirma que a morte não nos desliga de Deus, que a morte não nega quem e o que somos, que a morte não significa que se acabaram as bênçãos. Ao contrário disso, vemos que essas bênçãos tornam-se mais extraordinárias e maravilhosas! Como dizia um velho amigo meu: “Você ainda não viu nada!”

### CONCLUSÃO

Esta não foi uma lição fácil, mas oramos para que você não perca de vista a verdade principal de Apocalipse 20:4–6: se permanecermos fiéis ao Senhor, Satanás perderá e nós venceremos!

A ênfase do texto bíblico estudado está nos que morreram pela fé no primeiro século. Salientou-se que a morte não anulou as promessas feitas a cada cristão, que os mortos fiéis ainda desfrutavam dessas promessas. Agora, ao encerrarmos esta lição, queremos fechar este círculo: as bênçãos prometidas aos mártires em Apocalipse 20 também podem ser *suas*: *você* pode conhecer a verdadeira vida; *você* pode ser um sacerdote para o Senhor; *você* pode reinar com Cristo. Além disso, você pode fazer tudo isto por “mil anos”—de maneira completa e total. Não é maravilhoso?

Estas bênçãos *podem* ser suas, mas *será* que são? Você já se entregou a Cristo com humildade e obedi-

<sup>49</sup>Veja a lição “Cinco Fatos que Você Precisa Saber sobre o Julgamento”, nesta edição.

ência? Já submeteu a sua vida a Ele? Já “ocultou” a sua vida nEle? (Veja Colossenses 3:3.) Se ainda não o fez, não espere mais para aceitar as bênçãos de Jesus Cristo!<sup>50</sup>

### Questões para Revisão e Debate

1. Que contraste encontramos entre 20:1–3 e 20:4–6? Segundo a lição, qual é a mensagem básica dos versículos 1 a 6?
2. Qual é o significado da palavra “milênio”? O que as palavras “pós-milenismo”, “pré-milenismo” e “amilenismo” significam? Compare e levante um contraste entre os significados desses termos.
3. Faça uma revisão dos ensinamentos básicos da maioria dos pré-milenistas apresentados na lição “Meio Começado, Meio Terminado”, da primeira edição desta série. Quais são alguns pontos fracos dessa posição doutrinária?
4. A lição enumera três pontos fracos específicos do pré-milenismo em relação a Apocalipse 20. Qual é o primeiro?
5. Qual é o segundo ponto fraco apresentado? Enumere algumas doutrinas-chaves do pré-milenismo que não se encontram em Apocalipse 20.
6. Qual é o terceiro ponto fraco do pré-milenismo apresentado na lição? Quando teorias baseadas em passagens bíblicas de sentido figurado contradizem o ensino de passagens claras, o que devemos aceitar?
7. O Novo Testamento ensina que Cristo está reinando agora?
8. O Novo Testamento ensina que o reino de Cristo está em vigor agora?
9. O Novo Testamento ensina que haverá múltiplas ressurreições corpóreas?
10. Apocalipse 20:4–6 ensina que os mártires (e outros fiéis mortos) viverão, reinarão, julgarão e servirão como sacerdotes. Essas promessas pertencem exclusivamente aos mártires, ou se aplicam a todos os cristãos? Por que, então, é enfatizado que os mártires tinham essas bênçãos?
11. Explique o significado e a importância da expressão “a primeira ressurreição”.

<sup>50</sup>Se usar esta lição como sermão, diga aos ouvintes como eles podem se tornar cristãos (Mateus 16:15, 16; Atos 2:37, 38) e como os filhos desviados podem voltar ao Pai (Atos 8:22; Tiago 5:16).

